COMISSÃO PARA A AQUISIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Relatório e Propostas 2021

Adriana Molder

Sick Leo, da série Der Traumdeuter, 2007 tinta-da-china sobre papel esquisso, 200x150 cm 6360€ (com moldura incluída)



Fundamentação:

Adriana Molder trabalha de forma consistente desde 2000 com exposições regulares nacionais e internacionais, e está representada em diversas colecções privadas e públicas, tendo residido e trabalhado em Berlim vários anos. A sua pintura destaca-se por trabalhar grandes formatos habitualmente em tinta-da-china sobre papel esquisso, por explorar o rosto humano a partir de imagens do cinema clássico e do *film noir*, e de imagens recriadas a partir de romances e contos provindos de um imaginário fantástico ou policial. Incide sobre os processos e filtros da memória, quer nas imagens que persistem, descontextualizadas, quer nas ficções e relações oníricas que se elaboram a partir dos fragmentos recordados de um filme ou livro. O papel esquisso e a prevalência do preto e branco acentuam esse papel de filtro de imagens. Acresce que o grande formato neste suporte amarrotado e o uso da tinta-da-china contrariam a perenidade e monumentalidade da linguagem da pintura, tornando-a volátil, em analogia com a memória. A obra adquirida é

representativa deste trabalho, um rosto sombrio da série ficcionada "O Intérprete de Sonhos".

Mariana Pinto dos Santos

Adriana Proganó

Mocking stairs, 2019

Silicone e pigmento

150 x 42 x 4 cm

€1700

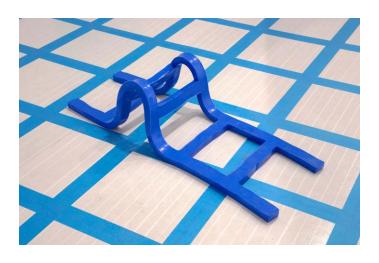
+

ice skating winners steal juri's plates, 2019

óleo sobre tela

148 x 180 cm

€2000





Fundamentação:

Quando perguntaram à Adriana Proganó qual a sua opinião acerca do comprador por impulso, respondeu que: "São os melhores. Acho que o impulso é algo meio animal e cósmico, o que significa pureza sem intelectualidade. É aquilo que é." A arte que é é, e é porque é e porque quer e tem de ser. Também em Heidegger não fica claro, se é o artista ou a obra que aparece primeiro. Jean Claire questiona a legitimidade do artista em fazer o que faz, mas o artista sabe que as suas obras são o que têm de ser *parce que*. Na linhagem objectual das obras produzidas pelo artista há um *modus operandi* que não tem a ver com a apreciação crítica à posteriori (Gombrich) nem ao seu sucesso formal (Kubler). Ainda Adriana Proganó quando lhe perguntam, qual a sua opinião acerca do renovado interesse pela pintura? "Tanto faz. O artista tem é que ser livre dos interesses dos outros e fazer o que o coração lhe diz". O brilho *unplugd*, *el duende* (Llorca) e a *lamp of beauty* (Ruskin) são os *elfs* da arte que trabalham para Adriana Proganó.

Pedro Portugal

Alexandre Conefrey - Galeria 111

Sem Título, 2018

Lápis de cor sobre papel Canson Montval 300gr

50x65cm

2.388,40€

+

Shout, 2018 - p. 2 portfolio

Lápis de cor sobre papel Canson Montval 300gr

2.388,40€





Fundamentação:

Vladimir Nabokov dizia em "Pale Fire": Todas as cores me fazem feliz: até o cinzento". Em Alexandre Conefrey observamos uma segunda natureza que é a Nartureza, ou a natureza da arte que é feita pela arte e composta por Artomos que são os átomos da arte. Como Petrarca, na subida voluntária ao Mont Ventoux em 1336 em que descreve pela primeira vez desde a antiguidade a experiência estética da observação da paisagem, Conefrey está nessa posição diariamente e os seus desenhos são a expressão imaginada e singular do avistamento das coisas. Uma incorporação fundamental para a Coleção do Estado.

Pedro Portugal

Ana Cardoso - Galeria Nuno Centeno

In And And, 2016-2019

Acrílico e pastel de óleo sobre algodão de linho

190 x 157 cm

€ 11.000,00



Fundamentação:

Ana Cardoso vive e trabalha entre Lisboa e New York, e tem desenvolvido um interessante corpo de trabalho em torno da prática da abstracção, recorrendo a uma dimensão instalativa e sublinhando a condição performativa da pintura.

Investiga os limites e as possibilidades da pintura, questionando-a, dedicando especial atenção ao verso e ao reverso de uma tela, aos planos, à dobra, às cores, às formas, aos materiais ou às escalas. Posicionando-se num território operativo híbrido e transdisciplinar, vulgarmente chamado "campo expandido", a sua obra promove uma experiência da pintura com uma dimensão marcadamente estética e conceptual, mas também profundamente física. As suas pinturas não comportam simplesmente planos de cor, nem são janelas para universos fora do mundo, são elas mesmas objectos presentes no mundo, assumindo a sua natureza auto-reflexiva enquanto estruturas de afirmação e de pensamento sobre a sua própria condição.

A obra seleccionada, com o título *In And And*, é um extraordinário exemplo da sua mais recente produção e configura-se como uma interessante súmula das preocupações já acima descritas.

Ana Anacleto

Ana Santos - Galeria Quadrado Azul

Sem título, 2018

Ferro zincado (objecto encontrado) e fios de PVC

181 x 157 x 7 cm

€ 10.592,00



Fundamentação:

Enquadrando-se no "campo expandido" da escultura — ou, mais concretamente, da produção de objectos — a prática de Ana Santos assenta na procura de um muito particular estado de atenção. Promovendo o recurso à sensibilidade e à intuição como instâncias que permitem sublinhar a unicidade do acto criativo, as suas peças resultam de um processo de reflexão sobre as características formais, funcionais, morfológicas ou cromáticas de determinados materiais ou objectos encontrados e das relações que entre eles possa querer testar ou estabelecer. Interessa-lhe uma prática, muitas vezes

reduzida à mínima acção possível, na qual os valores tradicionais da escultura, enquanto disciplina, são frequentemente questionados por meio da afirmação de uma ideia de precariedade, de estranheza, de não-pertença, de leveza ou de fragilidade.

As obras de Ana Santos ganham especial interesse e relevo na sua condição de apresentação, muito devido às relações dialógicas sugeridas por uma cuidada e precisa disposição no espaço expositivo, mas também pela capacidade de imanência que parecem encerrar e que as aproxima, em muitas circunstâncias (e apesar da sua fragilidade), de um plano de transcendência.

A artista foi distinguida em 2013 com o Prémio Novos Artistas Fundação EDP e a obra agora seleccionada (Sem título, 2018) fez parte do conjunto de obras desenvolvidas e apresentadas na sua mais recente exposição individual que teve lugar no MAAT, em Lisboa.

Ana Anacleto

Ana Torrie

Onde a erva murmura (instalação), 2020

Matrizes xilográficas e instalação sonora

500 cm x 125 cm

6.250€





Fundamentação:

Ana Torrie tem um percurso muito peculiar no contexto artístico português, foi membro de vários coletivos, incluindo o espaço cultural expositivo portuense Senhorio. Na última década tem feito a sua especialização nas técnicas de impressão, particularmente no campo da gravura, que recentemente tem expandido para o campo performativo e da instalação. Iniciou vários projetos coletivos nesta área, como a oficina móvel Chapa Azul e o encontro internacional de gravadores PA. Em 2019 fez a exposição individual "Por que te escondes nos arbustos negros" na cooperativa Árvore no Porto onde a gravura ganha escala, sai da lógica matriz/impressão, e aventura-se na linguagem da instalação. Em 2020, na exposição "Onde a erva murmura" no Museu Júlio Dinis em Ovar, Ana Torrie continua a trabalhar uma linguagem alegórica tratando questões e ansiedades contemporâneas. A exposição concebida em plena pandemia, parte de um estudo aprofundado das temáticas de gravuristas históricos, entre elas "O Inferno de Dante", ecoando sentimentos atuais de impotência.

Carla Cruz

André Alves

Double Exposure, 2017

1 vídeo; 1 versão para arquivo; 1 versão para exibição – HD274; 1 versão para web – Mpeg4. 1 versão trailer – Avi / Mp4; 1 comprovativo-promessa de actualização de codecs.

3800€





Fundamentação:

André Alves é um artista com uma prática internacional cujas preocupações circulam em torno da ideia de discurso e da sua formação, utilizando estratégias da área do desenho, do cinema e da poesia. A obra escolhida, *Double Exposure*, parte de uma obra com o mesmo título do artista norteamericano Dan Graham (1995-2003). O vídeo decorre no Museu de Arte Contemporânea de Serralves em interação com a escultura / pavilhão de vidro de Dan Graham e a forma como esta mistura o interior e exterior, paisagem e reflexão. Desta forma, a obra de André Alves, investiga as possibilidades e os limites de representar e traduzir o real e formas de tornar acessível uma experiência artística mediante um vídeo-poema. O vídeo foi realizado para a exposição "You got to say yes to another access" para o segundo Research Pavilion da 57ª La Biennale di Venezia de 2017.

Carla Cruz

André Cepeda - Galeria Cristina Guerra

Untitled, series "Ballad of Today", 2020

Impressão jacto de tinta em papel archival fine art Museo

1/2 + AP

(4x) 73 x 90 cm

14.080€



Fundamentação:

Tal como nas quatro fotografias da serie «Ballad of Today» (2020), agora selecionadas para a CACE, o trabalho artístico de André Cepeda tende quase sempre para um cenário de interação visual e simbólica que sugere o abrandamento e o silêncio reflexivo, podendo significar ainda um alerta muito particular sobre as complexas relações entre a imagem fotográfica e certas condições sociais que se escondem, a maioria das vezes, bem perto de nós. Nas cidades da nossa vida ocidentalizada e frenética, há correspondências formais de territórios marginalizados ou quase esquecidos pela quotidianidade que prendem a atenção do artista e o promovem à condição de observador privilegiado. Porém, neste projeto não interessa a denúncia da precariedade do *habitat* humano, mas a subtil confluência poética do declínio desses espaços inóspitos, as suas contaminações estéticas, a luz e as sombras, as formas e o informe que neles se diluem, num aparato global de reminiscências e microleituras.

David Santos

André Sousa - Galeria Nuno Centeno

al-Gaddafi / Peanut-man, 2014 - 2016

Óleo sobre papel (frente e verso)

230 x 91,5 cm

€ 8.000,00





Fundamentação:

André Sousa vive e trabalha entre o Porto e Frankfurt e tem, desde cedo, vindo a acumular a sua actividade artística com a de fundador e programador de espaços independentes de apresentação e divulgação da arte contemporânea, normalmente em diálogo e estreita colaboração com outros colegas da sua geração (casos do *PêssegoPráSemana*, do *Mad Woman in the Attic* ou do *Uma Certa Falta de Coerência*, todos no Porto).

A sua prática artística, caracterizada por um interesse pela noção de valor e pelas dinâmicas estabelecidas entre os contextos da arte e da economia, desenvolve-se maioritariamente em torno da produção de instalações e pinturas de dupla face, com a assumpção de uma estética contrastante assente no uso de materiais e técnicas variadas e no recurso a opções distintas de representação.

Os seus contextos de referência assumem ampla diversidade, desde elementos de arquitectura vernacular a objectos do quotidiano, de paisagens a bens alimentares, de referências literárias ou cinematográficas a registos biográficos, passando pela apropriação de elementos e códigos de linguagem com as mais diversas origens.

A obra seleccionada, com o título *al-Gaddafi / Peanut-man*, assume essa condição dupla, convida a uma observação em torno (quase como se de uma escultura se tratasse) e a sua complexidade formal resulta de uma contínua exploração livre da pintura que o artista tem vindo a desenvolver, aliada a uma consciência da sua história e dos códigos de expressão mais primitivos.

Ana Anacleto

António Poppe - Galeria ZDB

Tambor, 2019

Recortes sobre madeira

147 x 147 x 6 cm

8610€



Fundamentação:

António Poppe alia a sua prática artística à meditação e às filosofias orientais, mas também a uma relação íntima com a leitura e com a recitação. O artista conjuga a sua obra plástica com acções performativas, em que recita, de forma xamânica, poemas seus, citações, apropriações ou poemas de outrem, que por vezes decora. O acto de "saber um poema de cor" remete, etimologicamente, para "uma memória do coração", e é nesse entendimento que ocorrem as récitas do artista: são poderosos momentos catárticos em que o poema é convocado a partir de dentro do corpo. É da mesma forma, a partir de dentro do corpo e da experiência vivida do corpo, que podemos ver a sua obra plástica, frequentemente feita de parcelas ou recortes de um desenho potencialmente infinito, ou de recortes de imagens variadas, que se acumulam numa mitologia pessoal em palimpsesto. Este *Tambor* apresenta essas mitologias pessoais numa mandala cujos eixos geométricos são definidos por círculos recortados de desenhos a tinta-da-china, fruto de uma pesquisa do artista sobre corais. Sobrepõem-se depois inúmeras imagens, pessoais, ou de brochuras e revistas, e ainda componentes caligrafadas pelo artista com excertos do Rig Veda, o Livro dos Hinos hindu, em sânscrito. A mandala tem originalmente a função de guia espiritual e a de proporcionar uma tranquilidade propícia à prática da meditação, e representa também um microcosmo, uma versão reduzida do universo. Nesta obra do artista esse vislumbre de universos possíveis, do infinito dentro de um círculo que remete para o eterno retorno, é feito de imagens mundanas combinadas, e convoca tanto uma experiência do mundo individual como colectiva.

Mariana Pinto dos Santos

Arlindo Silva - Galeria Quadrado Azul *Grisalha*, 2017,

Óleo sobre tela

111 x 74 cm

11.150€



Fundamentação:

Arlindo Silva recorre à pintura para suspender e fixar momentos íntimos, com as suas amizades ou consigo mesmo. *Grisalha* trata-se de um auto-retrato em que toda a verticalidade é subitamente interrompida, pelo constatar da descoloração da superfície cutânea. Aqui, *vanitas* corresponde à progressiva imersão na matéria grisalha do gesso, do corpo, da arquitetura e da tela em branco.

Fernando J. Ribeiro

Armando Azevedo

Oratório, (na Floresta), 1976

Colagens de bilhetes de lotaria, papel s/ madeira

12 300€



Fundamentação:

Histórico fundador do grupo Puzzle, associado à arte experimental e à performance, Armando Azevedo (falecido em 2020) procurou sempre nas suas intervenções uma espécie de anulação das fronteiras entre a forma e o conteúdo, entre os objetos impressos e o meio ambiente, entre os objetos quotidianos e os objetos de arte, isto é, entre a arte e a vida. A obra cuja aquisição agora propomos, intitulada "Oratório, (na Floresta)", consiste numa pequena estrutura vertical, de forma retangular, composta pela colagem de bilhetes de lotaria de Natal sobre madeira, aludindo ao formato de um oratório particular, realizado em 1976 num contexto de dessacralização e crítica da simbologia religiosa. Realizada para o Circulo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), foi ainda apresentada na exposição coletiva "Alternativa Zero", organizada em 1977 por Ernesto de Sousa.

David Santos

Bárbara Assis Pacheco - Galeria Ícon

Genève IX, da série À la carte, 2013

guache, tinta-da-china e ecoline sobre papel

150x300cm

4700€



Fundamentação:

Bárbara Assis Pacheco é uma artista com um percurso discreto, mas contínuo, que tem trabalhado em pintura e ilustração, habitualmente sobre papel e com materiais diversos, como a tinta-da-china, tinta de água, esmalte, acrílico, ecoline e pastel. Regressa continuamente à pintura de animais e vegetação, tendo desenvolvido, ao longo dos anos, um bestiário imediatamente reconhecível. Os seus trabalhos sobre estes temas adoptam frequentemente o grande formato a partir de rolos de papel. A artista refere que a sua pintura resulta de uma abordagem do mundo como "gabinete de curiosidades". A obra adquirida, de uma série de pinturas sobre papel, À la carte, é um pormenor ampliado de um jardim em estufa, onde, por entre a folhagem exuberante e colorida, se entrevêem elementos arquitectónicos da estrutura de metal e vidro, que foram deixados a grafite. Esta pintura, ao apresentar-se sobre papel de grande formato, actua como um cenário para o qual podem ser convocados lugares longínquos e constitui uma representação muito significativa do trabalho desta artista.

Mariana Pinto dos Santos

Bárbara Bulhão

Uma volta ao sol, 2019

Folha de ouro fino sobre hula hoop

ø 65 cm

1,000,00€



Fundamentação:

Bárbara Bulhão sabe que a Terra é azul, que é uma coisa que os artistas não sabiam até aos anos 60 do Séc. XX, e que é transformativo porque o indigo foi sempre a cor mais rara, o artista Joaquim Rodrigo baniu o azul, outro artista inventou o Azul Klein e os gregos não tinham nome para azul. O programa artístico de BB é muito ambicioso onde o azul é importante por causa de Gaia. É como se uma artista no futuro estivesse preocupada em retratar o *zeitgeist* do momento: a terra como organismo vivo e as representações que narram essa descoberta.

Pedro Portugal

Bruno Zhu

Homem no Armário [Man in the Closet], 2017-19

Dimensões variáveis

3161€



Fundamentação:

Bruno Zhu é um artista português de origem chinesa. Cresceu em Viseu e tem formação em design de moda. Fez da loja chinesa dos pais uma montra artística. Faz da sua condição racial a planificação e indústria do seu trabalho artístico: mantém uma lista de leitura atualizada sobre Racismo em Portugal e Desigualdades Raciais no Mundo e Portugal; e Racismo, Lusotropicalismo, Ciganofobia, Diásporas e Colonialismo, cujos conteúdos são refletidos essencialmente na sua produção artística, como é o caso da obra agora adquirida para o estado.

Pedro Portugal

Carla Rebelo

Becoming Water, 2016

Madeira e fios de seda

Instalação de dimensões variáveis

8000€



Fundamentação:

Carla Rebelo trabalha e expõe desde há vários anos habitualmente recorrendo no todo, parcialmente, ou só num apontamento, à trama têxtil. A madeira é também um material que surge amiúde em várias das suas obras, que, entre a escultura e a instalação, dialogam com o espaço onde se apresentam. *Becoming Water* é uma obra que ocupa sete metros e apresenta-se como um engenho de madeira, composto por uma enorme roda, que remete para processos antigos ligados à construção ou ao fabrico de farinha (como os moinhos de água) ou ao desvio e canalização de água para terras, animais e pessoas. A sua função é indefinida, ficando apenas a sugestão de um processo tradicional que depende da água. A água em si é evocada pelos fios de seda esticados no caminho rente ao chão de canais de madeira. Porém, o título aponta para a ideia de "fazer água", ou "tornar-se água", levando a crer que o engenho pode ainda ter analogias com o tear, a roca, o fiar, e a maleabilidade líquida do fio de seda, que ora é matéria-prima, ora *medium*, ora matéria final.

Este é um dos trabalhos da artista mais impactantes, pela escala, e pelo seu carácter simultaneamente mecânico e informe, pesado e leve, rígido e fluido.

Mariana Pinto dos Santos

Carlos Noronha Feio - Galeria 3+1

stick-people adore the sun (tree of life), 2018

Lã (tapete na técnica de Arraiolos)

192 x 145 cm

€8250



Fundamentação:

Carlos Noronha Feio realiza amiúde desenhos esquemáticos que, em confronto com a tessitura dos tapetes de Arraiolos, surgem com a aparência de imagens pixelizadas. Como é patente em *Stick-People Adore the Sun (Tree of Life)*, quando o contemporâneo resulta da regressão a um estado bestial de avareza, a evolução da humanidade cinge-se a uma perversa ficção, desenvolvida em torno de figuras totémicas unidimensionais, a quem são depositadas aspirações fáusticas.

Fernando J. Ribeiro

Claire Santa Coloma - Galeria 3+1

Surround, 2018-2019

Laranjeira de Osage, cabo de aço, 2 elementos

47 x 24 x 17 cm / 36 x 26 x 18 cm

7100€



Fundamentação:

Claire de Santa Coloma nasceu em Buenos Aires, e vive e trabalha em Lisboa desde 2009. Em 2017 foi vencedora da 12ª Edição dos Prémios Novos Artistas da Fundação EDP. Trabalha principalmente em escultura, embora a sua obra inclua também o desenho e outros trabalhos sobre papel. A artista utiliza madeiras várias e procura uma redução de meios e formas que operam uma reflexão não discursiva sobre a própria escultura. Recorre a técnicas tradicionais de talha sobre uma matéria-prima que apresenta com as marcas desse fazer lento inscritas em si. A artista considerou esse fazer tradicional como "um acto de resistência". A obra adquirida, composta de duas peças de madeira de laranjeira Osage de dimensões diferentes, é apresentada suspensa por cabos de aço, o que lhe confere leveza em contraste com o peso da madeira, acentuada pelo polimento em formas arredondadas, que elimina o atrito e convida a tocar a superfície lisa. Outro contraste vem da escolha da madeira de laranjeira de Osage, ou pau-de-arco, que é uma árvore nativa da

América do Norte usada pelos colonizadores como cerca-viva por ser muito espinhosa. O título, *Surround*, que significa rodear, circundar ou cercar, ou também envolver, remete tanto para essa função de barreira, como para a forma da escultura, como ainda para a forma como se inscreve e actua sobre o espaço que ocupa. Por outro lado, a madeira em causa é particularmente compacta e difícil de trabalhar, pelo que o processo de a transformar numa superfície curva implica um enorme esforço de persistência, que envolve (*surrounding*) o corpo todo de quem o faz. *Surround* pode remeter também para o poder calorífico desta madeira, que atinge temperatura elevada e arde lentamente. A laranjeira de Osage é ainda usada para alguns instrumentos musicais, e por isso o título *Surround* pode uma vez mais ser desdobrado para remeter para um envolvimento sonoro, tendo em conta a possibilidade efectiva das duas peças entrechocarem.

Mariana Pinto dos Santos

Cristina Ataíde - Galeria Belo Galsterer

Montanha #35, 2010 (da série 'Todas as Montanhas do Mundo')

Lápis glasochrom s/papel de aguarela impresso com a lista de "Todas as Montanhas do Mundo"

1,82 x 20,00 m

€14.250,00





Fundamentação:

Cristina Ataíde tem vindo a assumir, desde os anos 1980, um lugar particular no contexto da arte contemporânea portuguesa, abraçando numa primeira fase a prática da escultura em pedra e metal e transitando – a partir de um período em que a viagem e a descoberta da espiritualidade cruzam o seu caminho e definem o seu percurso biográfico – para um território de exploração menos definido e menos definível, e mais próximo da intuição, da transcendência e da mediação multi-dimensional.

A produção de desenhos de grande escala que resultam das deambulações e caminhadas realizadas na natureza, a criação de esculturas ora próximas da miniatura (do infinitamente pequeno que contém o infinitamente grande), ora próximas da arquitectura ou da dimensão e escala do corpo, têm marcado a sua produção mais recente e parecem resultar como fortes atractores de energia, convocando a atenção do espectador e convidando-o a fazer uso de todo o seu sistema cognitivo.

O seu trabalho (como todas as artes visuais) comporta uma dimensão visual, evocando uma dimensão temporal e também espacial, para imediatamente evocar uma dimensão onírica, e despoletar uma dimensão sensorial e mesmo emocional.

A obra seleccionada, com o título "Montanha #35", comporta todas estas dimensões e configura-se como um extraordinário exemplo do quanto a fluidez das ideias e a organicidade das formas parecem combinar-se para a construção de uma existência que sublinha a impermanência do mundo, dos objectos e do corpo.

Ana Anacleto

Daniela Krtsch - Galeria das Salgadeiras

Fathing Youth II, 2018

Óleo s/ tela.

200 x 120 cm.

4 000€



No trabalho de Daniela Krtsch observa-se a eloquência técnica da pintura na grande tradição europeia da aplicação de tinta sobre superfícies e que se categorizou como pintura. Perceber como se pinta bem demora 10.000 horas de prática diária e aquilo que vemos na técnica de DK é mestria na pintura. O mesmo quando se está em frente a um Rembrandt: tinta proficientemente aplicada sobre uma superfície. As pinturas de K pertencem ao mundo K. O mundo inventado pelos artistas (IMAGENS) pertence aos artistas que o inventam. MUNDOK. KWORLD. KORLD.

Pedro Portugal

Diana Policarpo - Galeria Lehmann + Silva

Looking outward and inward to a sea of stars, 2020

Técnica mista sobre acrílico reciclado e instalação áudio de 2 canais, 1" loop (díptico)

59,4 x 84,1 x 10 cm

9000€



Fundamentação:

Diana Policarpo é uma jovem artista com um percurso bastante consolidado, para além de ter vindo a estar presente em importantes exposições, foi a mais recente premiada do importante Prémio Novos Artistas da Fundação EDP Arte. Com uma formação nas áreas da música e artes plásticas, a sua prática artística decorre entre estas áreas, demonstrando grande capacidade no uso de diferentes meios plásticos construindo performances e instalações imersivas.

A obra proposta tem como título *Looking outward and inward to a sea of stars*, de 2020, é uma continuação da investigação do projecto que apresentou nos prémios EDP, e que foi apresentada recentemente na exposição "Um oásis ao entardecer" no MAAT em Lisboa. Esta obra surge a partir da investigação feita sobre um fungo originário do centeio, com usos centenários distintos como na saúde feminina ou como uma droga alucinogénia, sendo responsável por

mudanças sociais movidas por revoltas de classes ou contaminações por via da fermentação do cereal para fazer pão. É uma obra que propõe através da imagem e do som um olhar para o interior como para o exterior - tal como o título sugere - pelos vários estados de consciência e inconsciência provocados por esse mesmo fungo.

Horácio Frutuoso

Didier Fiuza Faustino - Galeria Filomena Soares

Delete Yourself, 2020

Aglomerado de plástico reciclado

(2x) 68 x 48 x 50 cm

3.435€



Fundamentação:

Didier Fiuza Faustino é um arquiteto luso-francês que dilui as fronteiras da arquitetura e das artes plásticas, criando objetos híbridos cuja funcionalidade é sabotada pelo excesso e/ou ausência de algum elemento formal. *Delete Yourself* apresenta duas cadeiras que se podem resumir a um mesmo objeto refletido, passando assim a estrita imagem especular. Quando a superfície da imagem está já ocupada por estruturas geométricas volumosas, o sentido de

ergonomia pulveriza-se em prol do total abandono à ordem inumana de uma grelha ortogonal propagada *ad infinitum*.

Fernando J. Ribeiro

Diogo Evangelista - Galeria Francisco Fino

Sem Título (Club Noir), 2015

Escultura

Aço com revestimento em pó

148x210x70cm

Única

148x210x70cm

€ 8,600



Fundamentação:

Diogo Evangelista recorre a diversos média em que amiúde produz ambiguidades formais, de modo a destabilizar os limites estabelecidos entre a representação da natureza e da história, e o modo como são integrados no campo da subjetividade. Em *Club Noir* a natureza resume-se a um fragmento de floresta, no interior do qual duas figuras quase informes são reconstituídas pelo observador como corvos. Sob o efeito da natural repulsão, toda a

paisagem se passa a cingir a jogos de sombras, que vão delimitando uma microcomunidade autodenominada *Club Noir*.

Fernando J. Ribeiro

Eugénia Mussa

Tiger 1 & 2, 2017

Guache sobre Papel Vegetal

75x100cm

216x264cm

€ 5.500,00



Fundamentação:

Eugenia Mussa insere-se na já tradicional prática da pintura a partir de fotografia ou, genericamente, de imagens pré-existentes. No entanto, à semelhança do que encontramos no trabalho de alguns pintores contemporâneos que seguem o mesmo procedimento, não existe no seu vocabulário imagético nenhum domínio ou privilégio de certas imagens em detrimento de outras. A artista pinta frequentemente a partir de registos e fragmentos resultantes das suas caminhadas pela cidade, a partir de recortes de livros ou revistas, ou mesmo de *stills* de vídeos amadores encontrados no Youtube. A presença da figura humana é bastante regular e as imagens seleccionadas que lhe servem de referente não constituem nenhum padrão de

familiaridade ou género. Não são escolhidas pelo seu conteúdo temático, conceptual ou plástico mas antes pelo quanto podem constituir-se enquanto desafiantes exercícios de pintura.

Este tipo de prática resulta, muitas vezes, na produção de inúmeras pinturas que resultam de um mesmo referente, na procura dessa resposta para a imagem em potência que a pintura procura transcender.

O conjunto de duas obras seleccionadas, com o título *Tiger 1 & 2*, é um exemplo dessa formação de uma família de pinturas que decorre de uma mesma imagem. Vibrantes e ricas em movimento – quer na pincelada, na presença do gesto, quer no ambiente representado –, através das vastas camadas de cores dispostas sobre o papel, comportam uma alegria que lhes é imanente.

Ana Anacleto

Fábio Colaço - Galeria Nave

Lost Fund, 2019

fibra de vidro, tinta de óleo, notas, moedas, dimensões variáveis, edição única (conjunto de 8 objetos)

4.500€



Fundamentação:

Fábio Colaço debruça-se sobre o culto do capital e da ilusão de imortalidade por este criada, ou sobre as tentativas inúteis de abolir a sua deificação. *Lost*

Fund é constituída por diversas simulações de pedras espalhadas pelo chão, que uma visão aproximada constata tratarem-se de mealheiros. Num mundo onde o capital se tornou volátil, a imagem de eternidade conferida pelas pedras reflete a total entrega à ficção de uma perpétua segurança monetária.

Fernando J. Ribeiro

Francisca Carvalho

Ashlesha, 2018

Tintas naturais (vegetais e minerais) sobre lona de algodão

120 cm x 250 cm

4500€



Fundamentação:

Francisca Carvalho é uma artista com um percurso consolidado e bastante activo, debruçando-se sobre a prática do desenho de uma forma muito energética e experimental. Nas suas últimas exposições apresentou obras construídas a partir de pigmentos naturais, matéria que tem vindo a desenvolver uma longa investigação e exploração desta prática milenar que foi desaparecendo do nosso quotidiano. Francisca Carvalho constrói imagens fortes, onde o erotismo dos corpos é abordado em grafismos muito distintos através de um inteligente uso da cor e de formas que envolvem o observador num efeito sensorial muito diversificado.

A obra proposta tem como titulo *Ashlesha*, é uma pintura de grande dimensão numa lona não engradada, onde a fluidez do suporte vai de encontro aos padrões e formas curvilíneas representados, pintados com tintas naturais (vegetais e minerais) em que a experiência sensorial táctil é representada sugerindo diferentes texturas que tanto têm de atraente como de visceral.

Horácio Frutuoso

Francisco Queirós - Galeria Miguel Nabinho

I Spit on You, Corpse! & I Piss in My Inner Eye & Rocks in My Pillow, 2018

Video 1080p, cor, som. 9'43"

ed. 1/3

€ 10.080,00



Fundamentação:

É ainda enquanto estudante, no final dos anos 1990, que Francisco Queirós começa a expor individual e colectivamente, dando início a um percurso de investigação que tem vindo a desenvolver sobretudo no seio da prática do vídeo, mas pontuado também pelo recurso ao desenho, à colagem, à escultura e à instalação. Nas primeiras apresentações do seu trabalho, revelava já uma enorme apetência pela desconstrução dos mecanismos de expectativa, próprios do universo do cinema – e, em especial, do cinema de animação –, demonstrando também um particular interesse pelas temáticas do corpo e da

abjecção, da representação deste e da sua manipulação (mais ou menos) violenta.

A obra seleccionada, com o título *I Spit on You, Corpse! & I Piss in My Inner Eye & Rocks in My Pillow*, aponta, desde logo, para um enunciado deste tipo. O vídeo de animação digital, produzido a partir de desenhos pré-existentes e de referentes visuais propositadamente reunidos para este fim, sequencia um conjunto de acontecimentos, convocando as particularidades formais e processuais do imaginário infantil, evitando os filtros politicamente correctos e tratando o tema, à semelhança do que é habitual no seu trabalho, com a crueza própria da infância.

Ana Anacleto

Francisco Vidal

African Hair Cut 5, 2018

Óleo sobre catanas

100x80 cm

€0008



Fundamentação:

Francisco Vidal é um artista com uma actividade efervescente, que reflecte a energia da pessoa que é bem como o contexto onde vive e se movimenta. Com um relevante percurso internacional, representado em importantes colecções, tem vindo a apresentar diferentes projectos tanto individualmente, como com diferentes colectivos ou intervenientes culturais.

A sua obra é um mapeamento da riqueza e diversidade da cultura contemporânea africana, numa exploração vibrante da prática da pintura, usando diferentes técnicas como materiais, por vezes fabricados pelo próprio.

A obra proposta tem como título *African Hair Cut 5*, é uma imponente pintura a óleo sobre catanas, representando um retrato de um homem negro sobre um colorido padrão. Destaca-se a riqueza plástica da obra no seu percurso, que é singular no panorama nacional e pós colonial.

Horácio Frutuoso

Gabriela Albergaria - Galeria Vera Cortês

Storm Burned Coastal Redwood, 2018

Lápis de cor sobre papel Heritage Woodfree Bookwhite 315 gr

13 x (90 x 67 cm)

Única

17000€







Fundamentação:

Gabriela Albergaria é uma artista portuguesa radicada em Nova Iorque desde 2011. A artista trabalha a partir da recolha de elementos de uma paisagem, folhas, frutos, sementes, pedaços de casca de árvores, ramos, etc., transmutando-os e comentando-os em desenho, assemblage, fotografia, instalação ou escultura. O seu trabalho elabora uma pesquisa visual sobre os limites da natureza, consciente de que a paisagem e a ideia do "natural" são construções, e que a natureza é definida sempre por relação ao humano, e ao controlo que este exerce sobre ela, e por isso não constitui uma esfera autónoma senão na ficção que dela se faz. É uma natureza cultural, que se transforma pela acção humana — ao desenhar jardins, ou ao levar sementes e cultivos para diferentes partes do mundo, e nas práticas extractivistas. O seu trabalho incide sobre essa continuidade entre o que se pensa separado: entre o "natural" e o artificial, entre a paisagem e o desenho da paisagem. Por isso comenta e contraria a ideia clássica de que a arte imita ou representa a natureza, para a afirmar enquanto natureza e vice-versa, a natureza enquanto arte.

A obra adquirida, *Storm Burned Coastal Redwood*, é muito representativa do trabalho da artista ao compor, através de vários desenhos combinados, uma floresta de sequoias, que se pode imaginar existir para lá do desenho, como se este apenas registasse, de passagem, alguns fragmentos de algo maior. No entanto, pode antes pensar-se o desenho a continuar infinitamente, sendo ele próprio a floresta. A árvore Redwood, sequoia, é abundante na Califórnia e pode viver milhares de anos. Estas árvores foram devastadas pelos incêndios

recentes na costa oeste dos EUA e a impotência da natureza (logo, da arte) perante essas forças de escala planetária tem eco na fragilidade do desenho fragmentado a lápis de cor sobre papel.

Mariana Pinto dos Santos

Gil Heitor Cortesão - Galeria Pedro Cera

Camuflagem, 2020

óleo sobre vidro acrílico

 $130 \times 200 \text{ cm}$

€ 26.335,00



Fundamentação:

Com uma dedicação exclusiva à prática da pintura, Gil Heitor Cortesão desenvolveu uma curiosa técnica baseada na aplicação de tinta a óleo na parte de trás de placas de vidro acrílico transparente. Esta técnica permite-lhe alterar o aspecto habitual da pintura a óleo (evitando a textura ou a marca do pincel), conferindo uma aparência gráfica e menos orgânica às superfícies pintadas. É interessante pensar na inversão natural de procedimentos que esta técnica implica — o artista tem de inverter todo o processo de execução, pensando a sucessão de camadas em função do resultado final pretendido, levando-o a

trocar o princípio por aquilo que seria habitualmente o fim, e trabalhando a partir de uma ideia de avesso.

Pintando a partir de imagens preexistentes (ou da mistura de elementos recolhidos a partir de vários referentes), Cortesão revela-se empenhado na manutenção dos valores modernistas e na sua expressão nos campos da arquitectura e do *design*. Ao assumir o acaso e o erro como parte do processo, e ao tornar visíveis linhas, escorrimentos, distorções, borrões e alterações radicais de escala, as suas pinturas constituem-se também enquanto território de exploração plástica e cromática que escapa a um aparente sentido programático.

A obra seleccionada, com o título *Camuflagem*, configura-se como um excelente exemplo desse encontro entre um programa conceptual criado a partir de um referente arquitectónico e a sua quase obliteração por meio da pintura enquanto procedimento plástico.

Ana Anacleto

Isabel Simões - Galeria Bruno Múrias

Intervalo, 2008

Acrílico sobre tela

145 x 210 cm

5.500,00€



A obra de Isabel Simões desenvolve-se sobretudo no campo do desenho e da pintura num jogo com o espaço onde é habitada numa relação com quem observa. Do processo constante de ver e captar imagens, espaços e objectos quotidianos são registados e desconstruídos através da prática do desenho e da pintura revelando em si a riqueza e diversidade plástica dessas situações, objectos ou lugares.

Com um percurso consolidado, e em crescente desenvolvimento, tem apresentado o seu trabalho em importantes exposições em Portugal como no estrangeiro, estando representada em importantes colecções institucionais.

É proposto a obra *Intervalo* de 2008, uma pintura de grandes dimensões, rica numa exploração formal e num jogo óptico, que sugere o olhar atento sobre espaços quotidianos - aqui despido - numa relação do visível com o sensível, cujo interesse vai estando presente nos diferentes momentos do percurso da artista.

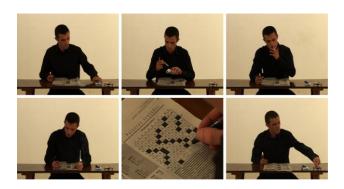
Horácio Frutuoso

João Leonardo - Galeria 111

As time goes by, 2006

VídeoDV, 4:3, som, 4:12min

2.230€



O enfoque da obra de João Leonardo reside na efemeridade da existência humana, e nos modos de iludir essa condição - que podem passar pela construção de bustos com beatas de cigarros. No vídeo *As Time Goes By*, o artista senta-se numa mesa e vai ocupando o tempo com a solitária realização de palavras cruzadas, enquanto fuma o seu cigarro. Encontrando a saída do labirinto das palavras ocultas, o protagonista torna credível a hipótese de uma ordem conceptual poder funcionar como eixo da existência quotidiana.

Fernando J. Ribeiro

Joana Escoval - Galeria Vera Cortês

Living Metals V, 2018

Pedra vulcânica dos Açores, aço, cobre e liquens

65 x 110 x 40 cm (aprox.)

7.000€





Fundamentação:

O grande referente da sua prática artística é a natureza e a sua reconfiguração ou mutação precárias. Realizados a partir de meios e matérias plurais, sempre em surpreendente associação, os seus trabalhos manifestam afinal um fluxo de materialidades, no pressuposto de uma estranha interligação entre objetos, estruturas orgânicas e formas artísticas. Alimentada por uma poética de grande

expressão idiossincrática, Joana Escoval produz nas suas obras-instalações uma metáfora da incomensurabilidade do cosmos e das relações que nós, seres humanos, podemos ou conseguimos estabelecer com esse potencial inesgotável. Na obra agora proposta para integrar a CACE em tudo observamos este círculo de referências.

David Santos

Jorge Molder - Galeria Pedro Oliveira

*Nr*_5

Da série Ocultações, 2008

Impressão digital (ed. 3/3)

152x101 cm

14.000 €



Fundamentação:

Ao longo das últimas quatro décadas, Jorge Molder afirmou com persistência, rigor e controlo, uma idiossincrasia produzida com evidente singularidade em torno da ideia de «auto-representação», de onde sobressai a lógica de uma «dialética do duplo» — da personalidade ou das formas —, entre o «autorretrato» e a especulação das personagens interpretadas em cada série,

num exercício sistemático que apoia uma longa caminhada com evidente capacidade de renovação. Tal como na obra agora escolhida para a CACE, a personagem que se repercute nas imagens encenadas de Jorge Molder, a partir da repetição sempre metamorfoseada do seu aparecer, replica uma espécie de infindável multiplicidade do referente. A repetição da presença figural, reconhecível porque identificada no regular aparecer do mesmo modelo, mantém todavia ativo o exercício e, simultaneamente, a consciência crescente da «dobra», esse conceito da significação indiscernível que torna barroco, pela elevação do jogo na identidade das formas repetidas, o prolongamento desse aparecer familiar e reificado como o eterno retorno, afinal, de uma memória difusa, mas constante.

David Santos

José Pedro Cortes - Galeria Francisco Fino

CONJUNTO 2

Ombro, 2005

Impressão a jato de tinta em papel Fine Art

160x110cm

Red Plants, 2018

Impressão a jato de tinta em papel Fine Art

180x120cm

15,500€



As imagens de José Pedro Cortes definem sempre uma instância poética feita de vasos comunicantes e dicotomias tensionais ou dialogantes, que se entrelaçam na consciencialização da substância da imagem, e de onde emerge o resultado da elaboração de um comportamento estético e formal que se constitui não só como esfera de uma visão particular, como ainda enquanto raiz que acende um impulso mágico de captação dos instantes do real que os corpos e os objetos produzem na relação com a câmara fotográfica. Por isso, o conjunto de duas fotografias escolhido para a CACE revela o extremo cuidado que o artista coloca em cada momento de combinação formal, no rigor da independência de cada uma delas, mas também na abertura às suas combinações possíveis, atenta às significações específicas das cores, às ínfimas conexões, quase impercetíveis, das pequenas perceções.

David Santos

Kiluanji Kia Henda - Galeria Filomena Soares

In the Days of a Dark Safari #1, 2017

Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão

80x120 cm

11.450€



Kiluanji Kia Henda é um artista cuja prática interroga a história, a política e o impacto do colonialismo tanto em Angola, o seu país de origem, como na Europa e especificamente em Portugal, tecendo fatos e ficção e usando o humor como estratégia criativa. A obra escolhida, "In the Days of a Dark Safari #1", como em muitos dos seus projetos, combina pesquisa histórica com fotografia artística. A obra, parte de uma exposição com o mesmo título na Cidade do Cabo na Africa do Sul, nesta exposição o artista abordou a problemática de uma conceção pós-colonial na qual o mundo natural africano é entendido como um paraíso perdido. A exposição apresentava fotografias de duas séries: In the Days of a Dark Safari e The Last Journey of the Dictator Mussunda N'Zombo Before the Great Extinction (in 5 acts), além de um filme intitulado *Havemos de Voltar*. A Prática da exploração colonialista e a coleta tanto de artefactos como de fauna e flora do continente africano sob a pretensão da perseveração museológica europeia são na obra escolhida postas em xeque. Nas palavras de Kiluanji Kia Henda, "o esforço para criar um Museu de História Natural é um processo semelhante à criação de narrativas hostis da perspetiva do estrangeiro que coloniza mantendo distância, remetendo um continente inteiro a um Lugar das Trevas."

Carla Cruz

Manuel Alvess

Pneu, 1969

116x81 cm

Acrílico sobre tela

12 000€



Fundamentação:

Manuel Alvess questiona amiúde os modos de produção da temporalidade na sociedade industrial, e, no final da sua carreira, no mundo pós-industrial. Em *Pneu* é literal o modo como a velocidade mecânica atravessa num ápice a tela virgem, até lhe atribuir um estatuto objetual. Aludindo ao *zip* de Barnett Newman - que concebia a presença espiritual como linhas verticais que atravessam toda a superfície cromática -, Alvess subverte-o para o inscrever na esfera da mundanidade contemporânea, em que a duração temporal ocorre apenas no regime do perpétuo presente.

Fernando J. Ribeiro

Maria José Oliveira

Duas Gavetas de arquivo, 1996/1999

amostras cilíndricas de vários tipos de barro cru e fósseis e bivalves em barro cozido

4000€



Fundamentação:

Maria José Oliveira é uma artista com mais de quarenta anos de trabalho discreto, que ocupa um lugar singular na arte portuguesa pela forma como sempre trabalhou com material perecível e frágil, orgânico e mineral, e como o seu processo criativo envolve a recolecção, a sedimentação, a decomposição, a rasura e reconfiguração de materiais respigados dos vestígios da vida na terra. Nesta obra, a artista guardou em duas gavetas de arquivo, elas próprias recuperadas da obsolescência para um novo uso, vários tipos de barro cru, fósseis e bivalves, num gesto de reconstituição alegórica de uma arqueologia do mundo, em que os elementos guardados dão testemunho de diversas vidas passadas, incluindo a humana, cuja existência se prolonga nestes sinais recolhidos.

Mariana Pinto dos Santos

Maria Trabulo - Galeria Presença

The impossible task, 2018

Escultura

800 azulejos de chão engastados em sal

350x550 cm

€000.8



Fundamentação:

Maria Trabulo parte de narrativas e representações cristãs para produzir esculturas à escala do corpo, reveladoras dos processos conducentes à edificação dessa mesma iconografia. *The Impossible Task* trata-se de um chão em perpétuo processo de construção, e sobre o qual se parece poder caminhar, dado os tacos serem compostos de sal. Reservada a corpos etéreos, a hipótese de caminhada denota uma fantasia primordial: suspender a condição humana pela ilusão de imaterialidade do corpóreo.

Fernando J. Ribeiro

Marta Soares - Galeria Francisco Fino

Untitled VII, 2018

Técnica mista sobre tela

Tríptico

225x145 cm/cada pintura, Dimensão estimada: 225x455cm

14,950€



Fundamentação:

A obra pictórica de Marta Soares resulta de um forte caracter processual, revelado desde logo nas várias superfícies que colaboram para a obtenção do resultado final. Por isso, o seu trabalho acentua a tónica colocada no tempo que precede a imagem finalizada, sempre atenta a uma especial preocupação com os processos de fabricação da imagem, naquilo que os caracteriza como agentes de resistência ao domínio de uma narratividade obsessivamente presente na maioria mais visível da arte contemporânea. No seu trabalho dos últimos anos - como neste tríptico de 2018, indicado para a CACE – a artista não abdica das características estruturantes da sua afirmação criativa, isto é, torna-se fundamental a proposta de uma expressividade dinâmica, onde as vivências, a emocionalidade gestual e a sua resolução estética de matriz abstrata, convergem para um aparato visual de elevada envolvência estética e sensorial.

David Santos

Marta Wengorovius

Pulmão, 2020

Objectos circulares em papel pintado, três bancos, instrução e fotografia

Fotografia (Impressão em jacto de tinta sobre papel Fine Art)

60.5x81 cm

Objectos – Duas Circunferências diâmetro em papel pintado de 20 e de 22 cm,

Instrução: 2 folhas A4

5.950€



Fundamentação:

Olhar, fazer olhar e ensinar a olhar o que se vê do mundo que muda infindavelmente e porque o que se vê é sempre diferente é primordial no trabalho de Marta Wengorovius. Esse futuro poético do que se vê no mundo é a invenção e a construção de uma obra una porque o pensamento artístico aponta para a *opus* sempre que um artista faz um desenho. Para a Coleção do Estado uma obra de Marta Wengorovius que representa bem o trabalho desta artista.

Pedro Portugal

Miguel Ângelo Rocha

Sem título, 2016,

contraplacado marítimo, tinta acrílica

240x105x69,5 cm

€000.8



Fundamentação:

Miguel Ângelo Rocha realiza inúmeras esculturas com sinuosas linhas volumétricas, que se espalham e invadem o espaço envolvente. O mesmo sucede com *Sem Título*, mas surgindo com configuração e escala vagamente antropomórficas. Resumido a um raio luminoso, este corpo remete para uma interioridade que, aquando da sua projeção no campo espácio-temporal, tem a sua verticalidade já débil e pesada. A sustentação deste objeto ansioso dependerá, então, de tensas dobras e uma extrema intensidade cromática.

Fernando J. Ribeiro

Mónica de Miranda - Galeria Carlos Carvalho

Beauty, Achilles' Heel, 2018

(video: HD video, sound, 7'12') + Achilles' heel (Impressão jato de tinta 50 x 160 cm)

12.859,65€





Fundamentação:

O trabalho de Mónica de Miranda prende-se com questões relacionadas com arqueologia urbana e geografias pessoais, ganhando expressão formal através de desenho, instalação, fotografia, vídeo e som, explorando as fronteiras entre a ficção e o documentário. A obra escolhida, *Beauty*, um vídeo e uma impressão fotográfica *Achilles' Heel*, fizeram parte da exposição "Tomorrow is Another Day". A obra fotográfica, faz parte de uma série que olha para espaços de aprendizagem das artes segundo cânones clássicos, patentes tanto em réplicas de estátuas greco-romanas quanto na representação minuciosa do estudo da figura humana, pelo seu esqueleto e musculatura (em *Achilles' Heel*). Uma mulher, protagonista do vídeo, transita entre os espaços, resignificando-os.

Carla Cruz

Musa Paradisiaca - Galeria Quadrado Azul

Sofá, 2017

Fibra de vidro pintada

110x88x115 cm

12.000€



Fundamentação:

No trabalho artístico da Musa Paradisiaca - e apesar do seu resíduo objetual, como neste «Sofá» escolhido para a CACE -, o diálogo e a verbalização plural em torno das formas, das matérias, suas simbologias ou micronarrativas, constituem os eixos operativos por onde se afirma uma prática de reflexão e descoberta, criando assim as condições para o desenho de particularíssimas cosmologias, como resultado da «discussão» e da «audição» do objeto, do tema ou do conceito que espoleta todo o processo de envolvimento e comunicação. Como uma «filosofia prática» que procura a invenção de um culto e de uma comunidade, os seus projetos obedecem a procedimentos específicos e a uma ética da observação em torno do objeto no espaço simbólico da arte, que mistura de modo deliberado o trabalho artístico, o seu discurso e a energia associada à estratégica de o pensar. Daí se potencia uma sensualidade definida pelo contributo polivocal dos narradores convocados, que estabelecem o diálogo paralelo em torno das histórias dessas formas e materiais postos em discussão.

David Santos

Nikolai Nekh - Balcony Gallery

Expositor #2, 2020

Estrado #2 (2020)

Contraplacado de bétula colado em três camadas, esmalte acrílico brilhante (NCS S 6502-B), verniz

121 x 164 x 4 cm

Andaime amarelo, 2020

Andaime desmontável, cavilhas de faia \emptyset 1,5 cm / 2,8 cm coladas, tubos de inox \emptyset 1,5 cm encaixe, esmalte acrílico brilhante (NCS S 0580-Y), chapa de inox perfurada 1,5 mm R8 T11

122,5x97x47 cm

Fotografia de objecto #6 (2018)

Impressão jacto de tinta em papel semigloss, colagem em PVC 5mm, moldura em madeira lacada a branco

70 x 70 cm

€9.840



Na obra de Nikolai Nekh a ênfase na materialidade objetual faz-se acompanhar de uma arbitrariedade espacial, ficando os objetos escultóricos ou quotidianos sem lugar próprio. No seu projeto *Museu da Gentrificação*, Nekh constrói estrados de cama ovais, beliches sem configuração ergonómica ou colchões resumidos a placas de esponja. A ocupação de espaços em cidades alheias conduz, assim, não à integração, mas a um isolamento, em que construções provisórias e embrionárias denotam a perda da noção de lugar e, por acréscimo, de corpo social e de *polis*.

Fernando J. Ribeiro

Nuno Ramalho

Arco do Triunfo, 2015

Material Moedas (1 cêntimo euro)

Dimensões 1000x1500 cm (aprox.)

€12.000





Fundamentação:

Nuno Ramalho aborda o modo como a mística do capital recai sobre cada cidadão, fomentando a crença da sua própria perenidade interminável. Em *Arco do Triunfo*, um jovem adulto curva-se até adquirir a condição de quadrúpede, mas ostentando uma escala monumental. Enquanto a planitude

do desenho linear - produzido com moedas de cêntimo de euro - denota a extrema precariedade económica e existencial de uma figura que quase se dissolve no ar, do Arco do Triunfo resta o espelho negativo de uma história europeia gloriosa e unitária.

Fernando J. Ribeiro

Oficina Arara

Série Buraco da Torre, 2019

Tinta acrílica sobre têxtil

Dimensões variáveis

5000€





Fundamentação:

A Oficina Arara é um colectivo de artistas cuja actividade se expande por diferentes práticas, desde performances, instalações cénicas, música, activismo sócio-político, livros, ou produção gráfica, de forma a responder às actividades criativas dos seus membros. O seu trabalho tem sido de inquestionável importância, nomeadamente no contexto artístico da cidade do Porto, com uma importante intervenção política e social, é sem dúvida um dos projectos colectivos com maior influência na última década.

Da sua efervescente e diversificada actividade destaca-se a edição de cartazes, impressos na sua grande maioria a serigrafia, alguns com fins

unicamente artísticos, outros de intervenção social, ou por vezes para comunicação de eventos, e que fazem já parte da paisagem da cidade do Porto.

A obra proposta é uma instalação, com o título *Série Buraco da Torre*, consiste num conjunto de onze panos pintados a tinta acrílica que representam diferentes edifícios, alguns em chamas. É uma obra única, desenvolvida no contexto de lançamento de uma das suas publicações, que sintetiza de forma original o trabalho colectivo desenvolvido por este grupo de artistas, onde a cidade no seu todo é o espaço expositivo que ocupam e a vivência enquanto sociedade - num todo colectivo - é o motor criativo. Como diz um dos seus membros em entrevista ao jornal Público em 2016 "A rua não é só uma rua, é uma auto-estrada para o universo."

Horácio Frutuoso

Paulo Brighenti - Galeria Pedro Oliveira

Sem título, da série Uma estátua roída pelo mar, 2019

Encáustica, pigmento e tinta de óleo sobre linho

235x222 cm

N.º 9

€ 11.000,00



Paulo Brighenti expõe regularmente desde a década de 1990, dedicando sobretudo a sua atenção à prática do desenho e da pintura. As suas obras assentam na combinação de motivos de sugestão abstracta com formas reconhecíveis que se apresentam ao espectador como que diluídas, no limiar do reconhecimento.

A sua investigação centra-se no domínio das ferramentas pictóricas por excelência, conciliando questões de representação de luz e sombra, cor e preto e branco, e apostando muitas vezes nas variações de escala (entre o muito pequeno, sobre papel, tela ou outros objectos, e a grande intervenção mural).

Através do trabalho com base numa ideia de oposição e antagonismo, Brighenti assume um particular interesse por uma noção de equilíbrio resultante do jogo composicional entre conceitos opostos: noite e dia, sono e vigília. Morte e vida são, em última instância, os grandes temas evocados na sua pintura e que surgem amiúde, inteligentemente tratados pelo artista nas várias aproximações subtemáticas que vai explorando nas suas séries de trabalhos.

A obra agora seleccionada, sem título, da série *Uma estátua roída pelo mar*, surge justamente no âmbito destas suas investigações e aproxima fortemente o espectador do universo visual do autor, por intermédio do que intuímos serem representações conseguidas com recurso a processos de sobreposição, acumulação e densidade matérica e cromática.

Ana Anacleto

Pedro Henriques

Fecundação, 2019

Acrílico sobre madeira

Aprox. 210x150 cm

€ 4.700,00



Fundamentação:

Actualmente a viver e a trabalhar em Lisboa, Pedro Henriques tem-se aproximado da prática da pintura através de um continuado questionamento sobre as suas condições enquanto disciplina e sobre as suas possibilidades enquanto território crítico.

Com uma ampla investigação em torno da problemática da imagem e do seu comportamento, extensão, domínios e limites, o artista recorreu, numa primeira fase do seu percurso, ao uso mais tradicional da fotografia para rapidamente se interessar pela utilização desta enquanto matéria. Recorrendo à construção de objectos tridimensionais que funcionam como suportes para a aplicação ou de imagens digitais (muitas vezes construídas ou manipuladas pelo próprio) ou de variados procedimentos pictóricos, o artista constrói formas híbridas (entre a escultura e a pintura) permitindo à imagem a assumpção de uma corporalidade, de uma presença física e matérica no espaço expositivo.

Pedro Henriques foi nomeado em 2013 para o Prémio Novos Artistas Fundação EDP e em 2014 foi um dos vencedores do Prémio Novo Banco Revelação.

A obra seleccionada, com o título *Fecundação*, esteve presente na sua exposição individual na Galeria ZDB, em Lisboa, e afirma o carácter idiossincrático deste universo confirmando-o como um dos mais interessantes artistas da sua geração.

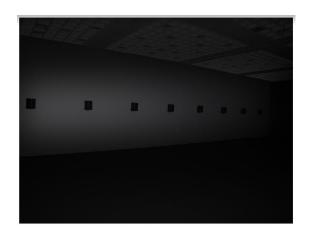
Ana Anacleto

Pedro Diniz Reis

Eunice, 2011

Instalação sonora

€ 6.000,00



Fundamentação:

Um registo obsessivo, pautado por um meticuloso rigor técnico, parece caracterizar o percurso de Pedro Diniz Reis. Nas suas primeiras aproximações ao universo da prática do vídeo demonstrava já, de forma bastante evidente, um interesse particular pelos mecanismos de construção e edição que definem este *medium*, mantendo embora uma panóplia multifacetada de assuntos em torno dos quais procurava reflectir: o corpo e as suas relações de poder e hierarquia, o cinema e a cultura *pop* no território da sua visualidade, as citações

e referências directamente resgatadas à história da pintura, ou a linguagem e, mais propriamente, a sua existência material sob forma de representação – a escrita.

É desta última tipologia que surgem várias séries de obras marcadas por um extremo rigor composicional, aliando, na justa medida, o som e a imagem, e dando lugar a um vasto conjunto de explorações em torno da palavra e, mais particularmente, do caractere, umas vezes encontrando a sua resolução formal no território do vídeo, outras no campo expandido da instalação visual ou sonora.

A obra seleccionada, com o título *Eunice*, constitui-se como uma grande instalação sonora, espacializada (de 8 canais) – que reproduz a leitura do *Livro dos AA* (outra obra do autor) – onde o som resultante da letra A (na língua portuguesa, e em todas as suas declinações) é proferido repetida e ostensivamente pela voz da actriz Eunice Muñoz (actriz que, como sabemos, acabou irremediavelmente por perder a sua voz).

Ana Anacleto

Pedro Vaz - Kubik Gallery

Sem título (série Lagoa do Fogo), 2020

Acrílico sobre madeira

250x370 cm

12.300€



Para o artista, o desafio supremo reside em trabalhar e reproduzir na superfície pictórica ou nos ambientes instalativos daí decorrentes a experiência de um lugar. Por isso, a importância conceptual e visual da perceção da paisagem, a sua conversão em pintura, desenho ou objeto, favorecem uma expressão artística de forte inspiração existencial. Pungente no modo como se objetualiza enquanto imagem, a obra de Pedro Vaz coloca sempre ao observador o dilema do reconhecimento dos lugares, em especial pela ausência de referentes estabilizados numa memória comum. Por vezes, apenas os títulos das obras e das suas séries (como a que agora se propõe para a CACE, «S/T – série Lagoa do Fogo») concorrem para esse processo de aproximação entre os valores plásticos da obra e o seu referente concreto. Apesar disso, esta obra define-se sempre por uma extraordinária capacidade de afirmação estética, projetando a apreciação visual como sintoma de uma experiência de evocação ambígua mas atrativa.

David Santos

Pizz Buin

Inferno apareceu em Rio Tinto, 2009

Conj. 1 (16 peças) + Conj. 2 (13 peças)

Pão de forma torrado, envernizado e emoldurado

Dimensões variáveis

€6000





Fundamentação:

O coletivo Pizz Buin, ativo desde 2005, é composto pelas artistas Rosa Baptista, Irene Loureiro, Vanda Madureira e Sara Santos. O coletivo ganhou visibilidade com a exposição "Prémios Novos Artistas 2007", da coleção EDP, onde apresentou o projeto "Casa". A instalação, aparentando um ambiente

doméstico, era integralmente constituído por réplicas de obras de arte históricas, cerca de 300 peças, do urinol de Marcel Duchamp, ao colchão de Sarah Lucas; dos sapatos de noiva de Meret Oppenheim à pilha de roupa de Michelangelo Pistoletto. Humor e crítica institucional são estratégias comumente usadas pelo coletivo para questionar práticas e discursos da arte contemporânea. A obra escolhida, *INFERNO: Apareceu em Rio Tinto* trata as mesmas questões a partir do sagrado e seus rituais e idiossincrasias. Partindo dos ícones e folclore português, o coletivo usa o objeto comum "torrada", como um possível lugar do sagrado e da obra de arte, a partir da lógica da aparição. A obra do coletivo, através da paródia, pretende demonstrar o aspecto contencioso do que se entende ou não como arte.

Carla Cruz

Projecto Teatral

Ditado, 2016

Madeira de Sucupira e fio de algodão

14 cm x 104 cm x 72 cm (fechado)

14 cm x 104 cm x 142 cm (aberto, dimensão mínima)

14 cm x 104 cm x 950 cm (aberto, dimensão máxima)

€15 000





Projecto Teatral é um colectivo que trabalha desde 1994 e que presentemente é composto por Maria Duarte, João Rodrigues, Helena Tavares, André Maranha e Gonçalo Ferreira de Almeida. A sua pesquisa parte do teatro, pondo em causa de forma radical as suas premissas e deslocando-o para outros espaços e linguagens. Por isso desde há muito que transgride as fronteiras dessa e outras artes, assumindo, no entanto, sempre um carácter performativo e cenográfico meticulosamente preparado e apresentado. Em 2015 uma colaboração entre o Teatro Maria Matos e a Culturgest mostrou o seu trabalho nas duas instituições, numa acção conjunta com o título Nenhuma entrada entrem, onde se deu a conhecer um corpus de trabalho que ora se materializa em objectos e em gestos performativos que activam esses objectos, ora se apresenta como performance que depende dos corpos dos actores, ora apenas se manifesta na evocação do texto escolhido, sem lhe associar voz ou corpo. Ditado foi uma obra apresentada nesse contexto. É o resultado de uma rede têxtil entretecida em palco num enorme tear, nos dias 22 a 27 de Outubro de 2015, num conjunto de gestos rituais, cumprindo uma disciplina necessária à produção do tecido — que é também metáfora de texto, como o título indica —, gestos esses que se constituíram numa coreografia cujo resultado ou despojo se configura numa nova obra, a qual guarda ainda vestígio do acto performativo que lhe deu origem e inaugura outros, ao poder apresentar-se com diversas disposições.

Mariana Pinto dos Santos

Ricardo Jacinto - Galeria Bruno Múrias

333 partes e 37 segundos, 2016

333 fragmentos de violoncelo, cinco mesas [1 x (28 x 240 x 80 cm), 3 x (78 x 240 x 100 cm), 2 x (78 x 175 x 90 cm)], som (cinco canais, canais, 1'14", loop) dimensões variáveis

€19.500





Fundamentação:

Ricardo Jacinto é um artista e músico que tem desenvolvido um percurso peculiar no panorama nacional, cuja obra se tem desenvolvido em diferentes mídias focando-se na relação do som com a arquitectura, apresentando situações e experiências que propõem uma percepção alterada dos espaços onde intervém. É um artista com um percurso bastante consolidado, tendo apresentado exposições institucionais relevantes, como um percurso académico relevante sendo doutorado pela Sonic Arts Research Center em Belfast.

A sua obra num todo é um exemplo da multidisciplinaridade que define a prática artística contemporânea, destacando os projectos colectivos que tem desenvolvido como o Colectivo OSSO, mostrando a capacidade que a prática artística tem em unir diferentes grupos, linguagens, e sensibilidades.

A obra proposta é uma das obras mais representativas do seu percurso, 333 partes e 37 segundos de 2016, uma imponente instalação que sintetiza de uma forma astuta o carácter experimental da sua obra onde é apresentado 333

partes de um violoncelo destruído por um pesado cilindro e reproduzido, em antítese, o delicado som produzido por microfones de contacto acoplados ao violoncelo durante esse processo destrutivo.

Horácio Frutuoso

Rita Sobral Campos

Zelda, 2020

Escultura 3D em aço 68 x 200 x 45 cm

42 x 250 x 30 cm

8,480€





Fundamentação:

Trata-se de uma artista plástica com obra ímpar no contexto das artes visuais portuguesas. Salientamos a versatilidade disciplinar, o valor plástico e conceptual das suas investigações, assim como o experimentalismo da obra cuja aquisição propomos. Destaque ainda para a singularidade desta escultura-objeto, cujo aparato geometrizante e a sua reconfiguração ao nível das escalas acopladas no mesmo volume não deixa de apresentar reminiscências, enquanto peça de chão, do minimalismo norte-americano, memória crítica e distante, por sua vez, de uma certa visualidade e espacialização construtivistas.

David Santos

Rita Thomaz

Sem título, (série #j 1.1 a 1.9), 2020

Papel feito à mão com polpa de papel de algodão branca e colorida

Dimensões variáveis

3500€



Fundamentação:

Rita Thomaz é uma artista com um percurso ainda jovem, mas já afirmado pela singularidade na forma como aborda as técnicas de impressão, demonstrando uma rigorosa e inteligente prática do desenho através de jogos de transparências, opacidades e texturas. A manufactura dos materiais que usa como suporte é parte importante no seu processo de trabalho, uma exploração que desenvolve através de diferentes técnicas de produção de papel que lhe permite uma maior riqueza plástica, e explorar outras formas de apresentação de obras que têm como base o papel, como a obra proposta.

Sem título, (série #j 1.1 a 1.9) de 2020 é uma instalação de desenhos apresentada na Appleton Square, em Lisboa, que se destaca pela sua qualidade formal e instalativa, sendo uma obra relevante no percurso que a artista está a construir.

Horácio Frutuoso

Rui Horta Pereira - Galeria das Salgadeiras

Água e um pouco de areia fina, 2014

Água, um pouco de areia fina e cabos.

24 elementos, área total de 24 m2

14500€



Fundamentação:

Rui Horta Pereira é um artista que se afirma escultor, mas o desenho ganha também grande preponderância no seu trabalho, que incide no processo e na experimentação. Nesse sentido, o não controlo absoluto sobre os resultados e o acaso são centrais no seu trabalho, bem como uma exploração em aberto e uma tentativa de não repetição de caminhos já percorridos. A obra Água e um pouco de areia fina é um dos seus trabalhos mais significativos, conjugando pedaços de cordas e cabos recolhidos na praia (lixo que dá à costa, vestígios da pesca e actividades humanas no mar), os quais, trazendo agarrados areia e água salgada, integram esses elementos também na obra. Desse modo, um material de desperdício é deslocado e reaproveitado para uma estrutura de apresentação versátil e multissensorial, na medida em que pode ser apresentada de diversas formas e traz consigo texturas e cheiros que remetem para uma proximidade do mar. Por outro lado, essa matéria-prima recolectada é usada de maneira que o objecto produzido ocupe um lugar híbrido entre o desenho, a escultura, e a tapeçaria, afirmando pela escala e peso um tempo

longo, feito do entrelaçamento da vida útil dos materiais usados, da sua vida inútil e nociva enquanto lixo, e do seu reaproveitamento na obra em causa.

Mariana Pinto dos Santos

Rui Macedo

Pintura-muro - ao Carlos Correia (1975-2018), 2019

óleo s/madeira, 244 x 366 cm

7.300€



Fundamentação:

O trabalho pictórico de Rui Macedo remete, de modo quase inequívoco, para uma aptidão do real, ao realizar uma pintura que o mimetiza apenas na medida em que com ele possa ser confundido ou reinterpretado, participando assim, deliberadamente, de uma fusão partilhada e *site-specifc*. O artista realiza, também na obra escolhida para a CACE, uma aproximação radical entre o real e a sua ilusão pictórica, desenvolvendo um jogo extraordinário entre a pintura e o espaço arquitetónico onde esta se afirma e dissimula. Mas mesmo neste contexto, e partindo sempre da similitude pictórica do real, bem como do exercício das suas micro ou peculiares diferenciações críticas, Rui Macedo investe desde há muito na reinscrição da pintura enquanto efeito de aproximação tangível entre o olhar, o cérebro e o tato, reacendendo assim, de

modo inesperado mas ativo, o lugar, o estatuto da *mimesis* na prática artística contemporânea.

David Santos

Rui Toscano - Galeria Cristina Guerra

Journey Beyond The Stars, 2015

Vídeo HD, cor, som, 6'42"

vimeo: https://vimeo.com/151634858

12 000€



Fundamentação:

Rui Toscano explora na sua obra a estreita relação entre representação e poder, sendo os objetos de desejo replicados e alterados pelo recurso à miscigenação de diversos média. *Journey Beyond the Stars* consiste em diversas fotografias de pinturas negras, sobre as quais são depositados inúmeros pingos de tinta, produzindo simulações de galáxias. Aquando da sua transposição para vídeo, as pinturas são inscritas num espaço-tempo interior, mas do qual é interditado o sentimento do sublime, sob o efeito de sucessivas interferências sonoras provocando trepidações abruptas nas imagens cinemáticas.

Fernando J. Ribeiro

Rui Valério

A WALL OF LIGHT TO SOUND, 2001

100 lâmpadas fluorescentes, 10 cabos jack, amplificação de som, nord micro modular.

250x350 cm

€12000



Fundamentação:

O que é que um artista apaixonado pela música e um erudito da pop pode fazer artisticamente? Possessões visuais que são e que soam. As obras de Rui Valério são mais do que visualidade porque são música primeiro. É como se a música se quisesse exprimir visualmente e tenha encontrado um artista através do qual manifesta o humor, o pensamento e tudo o que as músicas, e todo o universo do som querem declarar. A obra agora adquirida para a Coleção do Estado de RV é uma encenação operática de um piano vertical feito de lâmpadas fluorescentes que apagam e acedem por interferência elétrica amplificada acusticamente.

Pedro Portugal

Salomé Lamas - Kubik Gallery

Theatrum Orbis Therarum, 2013

Instalação em três canais vídeo HD, 16:9, cor, som stereo, 26 min. sync em loop; DVD, 4:3, preto e branco, mudo, 5 min. loop em monitor TV, Portugal € 15.000,00





Fundamentação:

Salomé Lamas tem vindo a desenvolver a sua actividade num território que a própria apelida de "terra de ninguém", isto é, assumindo uma perspectiva crítica e analítica em relação ao próprio *medium* com que trabalha (o vídeo, o filme ou mais amplamente a imagem em movimento). Recusando um território periférico e marginal tanto ao cinema quanto às artes visuais, a artista procura trabalhar no cruzamento possível e inalienável entre ambos, não promovendo a definição de géneros, investigando sim as possibilidades crescentes de edificação de uma linguagem pessoal que resulte tanto dos mecanismos próprios da ficção quanto dos mecanismos próprios do documentário. Com a apresentação simultânea do seu trabalho nos contextos do cinema e das artes visuais, e através da adopção de uma posição curiosa e interrogativa, Salomé Lamas tem vindo a desafiar os métodos convencionais de produção cinematográfica, os

modos de exibição e as fronteiras entre as várias formas fílmicas e artísticas de expressão estética.

A obra seleccionada, com o título *Theatrum Orbis Therarum* – uma instalação – constitui-se como um exemplo notável deste universo, denotando o interesse da artista na relação intrínseca entre narrativa, memória e história e usa, à semelhança de outras obras da artista, a imagem em movimento para explorar o aparentemente irrepresentável ou historicamente invisível.

Ana Anacleto

Sara Bichão - Galeria Filomena Soares

Última guarda, 2018

Madeira, tecido, pedra, algodão, tinta acrílica e tinta permanente

57,5 x 72,5 x 51 cm

2.862,50€



Fundamentação:

Sara Bichão é uma artista jovem com um percurso afirmado e uma obra relevante no contexto artístico português, destacando-se as exposições individuais "Encontra-me, mato-te" na Fundação Calouste Gulbenkian, "Chama" no Atelier-Museu Júlio Pomar, ou "Extática Esfinge" no CIAJG em Guimarães,

para além das importantes colecções onde o seu trabalho já se encontra representado.

A sua prática artística desenvolve-se no domínio da escultura, explorando diferentes técnicas e materiais, num processo promovido por experiências sensoriais e intuitivas, muito experimental e por vezes de forte diálogo com o espaço onde é apresentado numa extensão do seu próprio corpo. É notória uma linguagem singular, onde gestos violentos fazem tensão com a delicadeza de materiais e composições, reflectindo o viver contemporâneo num mundo de equilíbrios e de confrontos.

A obra proposta, *Última guarda* de 2018, reflecte e sintetiza as características descritas, uma escultura feita de materiais reutilizados, apresentada numa aparente frágil existência, com uma relação de diferentes materiais em tensão. Um corpo que se projecta da parede para quem observa, numa relação entre um instinto e um artifício primitivo, remetendo para o confronto entre iconografia religiosa e pagã.

Horácio Frutuoso

Sara Chang Yan - Galeria Madragoa

Sinal I, 2019

Projecção vídeo (vídeo 4:3, cor, som, 3'31") sobre papel cortado

Dimensões variáveis

5500€



Fundamentação:

Com um percurso embora discreto, mas relevante, Sara Chang Yan tem desenvolvido uma obra afirmada no campo do desenho explorando diferentes suportes que propõem experiências espaciais sensíveis através de luz, transparências, opacidades e sombras, captando a nossa atenção para as características imateriais do que nos circunda.

Sinal I, de 2019, é uma instalação audio visual composta por projecção vídeo sobre papel. Ambos os materiais foram intervencionados pela artista, de diferentes formas, cruzando-se quando a imagem vídeo projectada sobre o papel atravessa os cortes e projecta uma outra imagem na parede. É uma obra que de forma independente cria imagens autónomas para além do que foi intervencionado pela artista, através da luz, cor, temperatura ou fluxos do espaço onde é apresentada.

Horácio Frutuoso

Sónia Almeida - Galeria Simone Subal

The disease of efficiency, 2018

Óleo sobre alumínio e madeira compensada. Mecanismo deslizante

"81,28 x 105,41 cm (aberto) 81,28 x 54,61 cm (fechado)

12 500€



Fundamentação:

Sónia Almeida é uma artista já com um percurso afirmado e uma obra consistente. Formada nas Belas Artes de Lisboa, mais tarde na reconhecida Slade School of Fine Art em Londres, vive e trabalha actualmente nos Estados Unidos da América. Com um percurso internacional, a sua obra tem sido apresentada em importantes exposições, estando representada em relevantes colecções. Com uma prática de pintura de carácter experimental muito vincado, tanto formalmente como no uso de suportes, é constante o estudo e exercício das possibilidades da pintura enquanto experiência estética numa relação física e arquitectónica. As suas pinturas são de uma enorme riqueza visual, revelando uma sensibilidade invulgar da artista no uso de cor, bem como a exploração de grafismos, compondo poderosas e enigmáticas imagens.

A obra proposta, *The disease of efficiency*, é uma pintura a óleo sobre contraplacado de madeira e alumínio, onde para além do jogo visual sugerido pelos padrões e grafismos representados, o suporte move-se revelando a sensualidade da imagem apresentada. Neste momento esta obra está presente

na exposição "Tudo o que eu quero. Artistas Portuguesas de 1920 a 2020" na Fundação Calouste Gulbenkian.

Horácio Frutuoso

Susana Mendes Silva

Como silenciar uma poeta, 2020

Instalação, Dimensões variáveis 12000€



Fundamentação:

Susana Mendes Silva é uma artista cujo trabalho tem uma forte componente de investigação que se materializa em exposições, ações e performances. A obra escolhida para esta coleção, "Como silenciar uma poeta", parte do interesse da artista em aspetos socioculturais contemporâneos que são explorados a partir de exemplos históricos. Neste caso específico, a partir do desaparecimento de cena cultural portuguesa do livro "Decadência" da poeta Judith Teixeira (1923). Segundo Susana Mendes Silva, o erotismo, a homossexualidade e a insubordinação feminina da obra de Teixeira levaram-na a ser "silenciada", permanecendo injustamente no esquecimento. Através do seu olhar arquivista, Susana Mendes Silva, na obra escolhida, aponta para a forma como ainda hoje, quase um século depois, nem todas as vozes são ouvidas de igual forma, com igual volume.

Carla Cruz

Susanne S. D. Themlitz - Galeria Vera Cortês

Abro a janela. As montanhas afastam-se. Uma planta na minha mão, 2019

Mesa, cavaletes e banco de madeira, cerâmica, vidro, pedra, cera, lupas, espelho, desenho, arame, fita adesiva, água e coral

240 x 44 x 66 cm.

€ 12,000.00



Fundamentação:

Já com uma carreira consolidada e com uma presença assídua no contexto expositivo nacional e internacional, Susanne S. D. Themlitz tem vindo a desenvolver um trabalho extraordinariamente idiossincrático a partir de uma hábil e incessante acção de criação de figuras e episódios narrativos que resultam de um processo de agregação. O sentido, ou a falta de sentido, promovido por estes momentos e figuras surge justamente do acto, mais ou menos instantâneo, de decisão de justaposição de certos materiais e formas para a concepção e criação de esculturas e instalações que parecem aproximar-se do corpo do espectador, procurando habitar o seu espaço ou mesmo o seu imaginário.

Na base de todo o seu trabalho reside um espírito infantil, de procura, de busca, de descoberta, de questionamento, de tentativa, de experimentação, de uma inquietação que só parece resolver-se através do jogo e da subversão dos sentidos, da subversão dos próprios processos de construção de sentido.

Recorrendo – como no caso da obra seleccionada, com o título *Abro a janela. As montanhas afastam-se. Uma planta na minha mão* – a um vasto conjunto de tipologias discursivas e ignorando divertidamente a distinção entre géneros, estilos ou disciplinas, o seu trabalho desenvolve-se sob uma variedade de meios que incluem muitas vezes (e simultaneamente) o desenho, a escultura, a cerâmica, a fotografia, a pintura e o vídeo.

Ana Anacleto

Tatiana Macedo - Galeria Carlos Carvalho

Esgotaram-se os Nomes para as Tempestades, 2018 /2019

Instalação vídeo

de 4 canais, full HD, cor som, 19'00"

Ed. de 4 + 1 #2

17220€



Fundamentação:

Tatiana Macedo é uma artista que trabalha entre a fotografia, o filme, o som e a instalação, provocando com esses meios uma reflexão sobre lugares e os

corpos que os ocupam e procurando perspectivas inusitadas que possam desfazer lugares-comuns e preconceitos. A obra Esgotaram-se os Nomes para as Tempestades foi concebida para a Culturgest do Porto e trata-se de uma multi-projecção em quatro canais, na qual o actor Nuno Lopes surge numa situação angustiante, enumerando, a determinado momento, nomes que são também nomes de tempestades. O actor duplica-se e triplica-se no écran, contrariando a lineariedade narrativa para introduzir uma perturbação ligada à convocação de memórias. Destaque-se a extrema qualidade da filmagem, com pormenores de iluminação, cor e enquadramento minuciosamente cuidados, e o facto de que as filmagens são registadas na Confeitaria-Restaurante Cunha, no Porto, espaço concebido por Victor Palla e Bento d'Almeida, entretanto fechado. A artista filma em pormenor pequenos desgastes e marcas do tempo nas cadeiras estofadas a napa, nas mesas, no balcão, com o mesmo cuidado que dedica a uma série de planos das mãos do protagonista. Este é um trabalho perturbador, que cita outras imagens cinematográficas, e cuja relevância aumenta pelo registo de um espaço icónico da cidade do Porto, que, tornado imagem, contribui para o processo de rememoração vincado no filme.

Mariana Pinto dos Santos

Teresa Dias Coelho - Galeria Monumental

S/ Título, 2015/2016

óleo s/ tela, 30x40

1.537.50€

+

S/ Título, 2015/2016

óleo s/ tela

30x40

1.537.50€





Fundamentação:

Nas últimas séries de pinturas Teresa Dias Coelho desenvolveu um tipo de cartografia do corpo: pés, mãos, nucas, pescoços que fazem parte de um pensamento sobre a totalidade. As partes são mais do que o todo porque são pinturas. Quando conseguirmos ver todas as partes dos corpos pintadas ficará completo o grande mapa dos corpos, a grande composição final de que agora só vemos frações. A coleção do estado fica enriquecida com dois *tokens* da pintura *Totus* de Teresa Dias Coelho.

Pedro Portugal

Tiago Madaleno

Dedicado a Natália de Andrade - dança 2018

Marcador, grafite, caneta rosa sobre papel Fabriano 120 gr.

394 x 72,5 cm.

2 226€



Fundamentação:

A obra de Tiago Madaleno tem o enfoque na dialética da perfeição técnica e da inevitável falha, que, eventualmente, pode ser quase impercetível ou motivo de

regozijo. Em *Dedicado a Natália de Andrade. Dança*, uma canção é composta, palavra por palavra, pelos participantes do projeto. Conforme vai sendo construída, a canção vai perdendo a sua legibilidade conforme cada letra se expande até tornarem visíveis os movimentos das entonações vocais.

Fernando J. Ribeiro

Tomás Cunha Ferreira

Onça Pintada, 2019

Óleo e aguarela sobre madeira, chapa de zinco, algodão e tecido sintético costurados

163 x 338 cm

€4500



Fundamentação:

A importância de ser amável em arte. É assim que Tomás Cunha Ferreira se apresenta como artista e músico. As suas elaborações formais, cromáticas e gráficas são o que ficou de uma encenação para uma festa Rabelaisiana pop na praia, à noite — para lá do que são intrinsecamente e validadas pelo seu pensamento artístico. Numa entrevista a Anabela Mota Ribeiro, TCF cita Celan que dizia que quando se fala de arte "há sempre alguém que está presente e... não presta atenção ao que se diz". Ou o mistério das vogais de Rimbaud: "A

negro, E branco, I rubro, O azul, U verde". Um brilho amável de uma produção artística contributiva para o patchwork visual do mundo da arte.

Pedro Portugal

Valter Vinagre

S/Título#17, Idanha-a-Nova, Portugal,2014

Série Sob o Signo da Lua

90X110cm

2.600€



Fundamentação:

Após um exercício fotográfico sobretudo próximo do registo documental, o trabalho de Valter Vinagre passou a interiorizar uma atenção mais reflexiva em torno da imagem, criando discursos sobre os significados presentes na paisagem, na viagem e no lugar da cidade. A imagem fotográfica agora proposta para integrar a CACE apela, através de um especial efeito de luminosidade, a uma espécie de transfiguração dos elementos da natureza, como espécie particular de biomorfismo, resultado da sugestão inscrita na morfologia de uma árvore, cuja aparência se associa, de um modo inesperado,

à iconografia humana, tanto na sua consciência de identificação imediata como na sua liberdade de metamorfose.

David Santos

Vanda Madureira

Tribuo, 2018,

Vídeo 1080p, 3'06", Cor, som

Link vimeo: https://vimeo.com/438761693

Demersus 2006/2018

Desenho escultórico Lápis sobre papel

24 x 58 x 33cm

Tribuo + Demersus

3500 €





Fundamentação:

Vanda Madureira trabalha no campo do desenho e da performance, e desde 2005 explora a dimensão mais relacional do desenho. A artista investiga a natureza efémera, intangível e precária da arte através da prática performativa do desenho, que por vezes fixa em vídeo e fotografia, não apenas com a intuição de registar, documentar, mas também de forma a expandir a percepção de fronteiras entre gesto e registo. Desta forma a comissão escolheu uma obra que combina ambos estes aspetos. No vídeo, dois corpos,

o da artista e o de trabalho mergulham um corpo de água. Primeiro o corpo de trabalho, o desenho, depois o da artista sob e sobre este. Acabam ambos os corpos flutuando na água, confundindo-se com a paisagem. A obra e abordagem ao desenho de Vanda Madureira é única no contexto nacional e a peça escolhida - a combinação de vídeo-desenho-performance e escultura - é paradigmática do seu percurso.

Carla Cruz

Vera Mota - Galeria Bruno Múrias

Ensaio. Pausa, repete, 2020

Dimensões variáveis

12.000€



Fundamentação:

A prática artística de Vera Mota tem-se consolidado nos campos da performance, escultura e desenho. O seu trabalho mais recente destaca o lado matérico dos objetos criados, materiais escolhidos rigorosamente e que definem e determinam a produção da sua obra. A obra escolhida para integrar esta coleção, *Ensaio, Pausa, Repete*, de 2020, é disso exemplo. A instalação usa materiais tão dispares como feltro, mármore, madeira, cobre, granito, e vidro, entre outros. Materiais que não são alheios à prática da escultura e ao

seu desenvolvimento na pós-modernidade sob a influência de princípios compositivos minimalistas. Aparentando um aspecto exploratório de quem exercita as diferentes possibilidades da escultura, *Ensaio, Pausa, Repete* abre o fazer ao acaso e ao acidental, e a relação da matéria com o corpo, aspetos importantes da prática desta artista.

Carla Cruz

Síntese:

73 artistas / 76 obras

Galerias: representação de 43 artistas

Os textos que fundamentam as propostas constantes do presente Relatório são da responsabilidade dos seus autores, nomeadamente no que respeita à adoção do novo acordo ortográfico. A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea 2021/2022

David Santos (Coordenador)

Graça Rodrigues (Representante do Ministério da Cultura)

Ana Anacleto

Carla Cruz

Fernando J. Ribeiro

Horácio Frutuoso

Mariana Pinto dos Santos

Pedro Portugal

Junho de 2021